tradução por TRAVA

As travestis devem ter o direito de ler o que escrevem outras travestis

Texto de Claudia Rodríguez lido na Sessão Plenária sobre políticas de Leitura e do Livro do Ministério da Cultura em 27 de outubro de 2016 e publicado em seu site em 05 de Novembro de 2016.

Nenhuma a menos!

Texto de Claudia Rodríguez lido na Sessão Plenária sobre políticas de Leitura e do Livro do Ministério da Cultura em 27 de outubro de 2016 e publicado em seu site em 05 de Novembro de 2016. Versão original aqui:

https://web.archive.org/web/20180416041833/http://www.claudiarodriguez.cl/las-travestis-debemos-derecho-leer-lo-escriban-otras-travestis

tradução por **TRAVⒶ**
https://travx.framer.website/

Sou travesti e vocês me perguntam: por que estou aqui? Que coisa tão importante poderia dizer uma travesti a este honroso público? O que poderia dizer uma travesti sobre a política nacional de leitura e livro do Chile? Como poderia uma travesti elaborar uma reflexão decente sobre o livro e a leitura?

É isso que estou me perguntando.

Mas como sou uma travesti pobre e ressentida vou fazer um esforço, porque "eu gosto de fazer a bonita", como se eu fosse inteligente, como se eu fosse uma escritora ou uma poeta famosa.

Devo dizer que desde criança me disseram que sou estúpida, entre outras coisas, mas, gosto de fazer a bonita. Desde criança, como uma estúpida incapaz de ler o mundo, me faço de bonita, para sobreviver. Quando uma criança nasce pobre, em uma periferia, parece que para uma criança travesti não resta nada a fazer senão fazer a bonita para sobreviver. Quando uma criança nasce pobre, com uma pobre educação, o travestismo se constrói como uma espécie de espetáculo cômico, um show, uma experiência banal, sem conteúdo.

A experiência travesti na periferia é mais patética do que a própria pobreza. Nos acampamentos, entendemos que as crianças afeminadas merecem a discriminação, a violência e o mau-trato psicológico dos pobres. Pobres que são nossa própria família, pais e nossos irmãos, e também os professores, eles de quem se deve esperar proteção e educação, também deles recebemos o desprezo.

Hoje tenho 47 anos e, como ativista travesti, reflito sobre minha infância e a infância de todas as minhas amigas travestis que nasceram justo neste momento, no momento em que o povo do Chile sofreu uma ditadura militar que marcou tudo, inclusive a educação dos chilenos e chilenas. Minha educação sofreu a sangrenta ditadura militar do país, minha infância foi carne visível desta tragédia. Minha infância, nesta educação, meu corpo, meu desejo e todo meu mundo foram excluídos de tudo o que era importante na nação, por razões semelhantes ao perigo de qualquer dissidência ideológica e política. Pensar de forma política diferente significava ser um inimigo que precisava ser eliminado deste território.

No caso de pessoas travestis, ainda existe uma marca que se manifesta até hoje, para a sociedade atual, somos experiências de vidas banais. Ao dizer banais, me refiro a existências que não importam, somos existências que não têm importância para a pátria. A marca, a cicatriz, a exclusão, a invisibilidade de nossas existências no sistema educacional, o abandono do sistema educacional, a evasão escolar de travestis, determinou para nós existências banais e analfabetas. É dizer, desde minha perspectiva, que ao sermos estranhas e afeminadas, não aderirmos ao modelo de educação, o que não só impediu que aprendêssemos a ler e escrever, mas produziu a pior das violências da modernidade, uma violência grave dos direitos humanos, me refiro à incapacidade de nos defendermos, de defender nossos direito de existir aqui, neste território, estranhas, feias, maltratadas, mas

com a capacidade de fazer reflexões críticas a respeito de nosso próprio mundo. O mundo não crê que podemos ser inteligentes e capazes.

“Se crê que o diferente é visto como grotesco e monstruoso. Fui tão odiada que tenho motivos para escrever. Nunca fui a esperança de ninguém. Junto as cartas e escrevo, de forma medíocre, sobre esse vazio. Escrevo porque não fui a única. Minhas amigas travestis e eu fomos rejeitadas porque o corpo é sagrado e não se brinca com ele. É por isso que escrevo, por todas as travestis que nunca souberam que estavam vivas por causa da culpa e da vergonha de não serem corpos para serem amados, e que morreram jovens antes de poderem ser felizes. Morreram sem nunca terem escrito uma carta de amor.”

Se poderia dizer que eu cresci sem saber que não sabia me defender, porque não sabia ler nem escrever. Por minha história, se poderia dizer que apesar de haver estudado até o ensino médio, até meus 20 anos não sabia que eu, ainda que fosse assim, um jovem afeminado, uma louca revoltada, não sabia que tinha direito de ter direitos humanos. Foi aos meus 20 anos que pela primeira vez li a lei de declaração universal dos direitos humanos e pela primeira vez naquela idade li algo de que me importo, pela primeira vez li um texto que dizia algo que me importava, um texto que se relacionava diretamente com minha vida, com a importância da minha vida, um texto que me unia a importância deste território e sua história.

Toda pessoa tem o direito e a liberdade de pensamento, de consciência, de religião e crença. Todo indivíduo tem o direito à liberdade de opinião e expressão.

O que quero dizer, o que estou me esforçando em dizer, é que antes nunca havia lido nada que dissera algo de mim, o que estou me esforçando em dizer com todas as cicatrizes que carrego comigo é que nenhum texto me importou antes quando lia livros, me obrigavam a ler livros que não me incluíam, mas sim o contrário. É dizer que, na minha vida durante 20 anos, li o que me negava, literatura que me enganava, durante 20 anos me rodeava um mundo de palavras que me odiavam e esperavam meu desaparecer. Quero dizer, até os 20 anos, vivi em um mundo que me foi roubado. Nasci aqui, mas sem futuro. Meu destino era ser mais uma pessoa analfabeta e morrer em silêncio.

Hoje posso dizer, aqui em frente a vocês, que aprendi a ler e me esforço em ser inteligente e escrever sobre tudo isso, porque aprendi que isso importa, aprender a ler e escrever importa principalmente porque todas e todos podemos ler coisas que nos importam, que falam sobre assuntos que nos aproximam, para que possamos nos encontrar e saber como nos defender, porque se pode descobrir que podemos ser estranhas, pobres e feias, mas capazes, sim, excluídas mas inteligentes, monstruosas mas libertadoras das marcas e cicatrizes de qualquer história, de qualquer passado que nos negue.

Chegamos a este ponto, temos que fazer algo, hoje estou falando aqui, sendo quem sou, uma travesti deste mundo revoltante, não para dizer que tudo foi solucionado, estou aqui para apontar que, aqui com a história deste território, nenhuma existência sobra, nunca mais, nenhuma deve ser considerada fútil, e principalmente nunca “uma a menos”.

Pela história deste território que nos pertence, devemos defender que a diversidade sexual é um direito humano, e devemos defender sem medo e sem vergonha.
As travestis devem ter o direito de ler o que escrevem outras travestis.

Finalmente agradeço o convite para falar cara a cara e dizer, desde minha perspectiva, que o acesso à leitura e escrita, desde a infância, é um reconhecimento da própria importância de existir, que a leitura e a escrita devem reconhecer a diversidade dos seres humanos, que a escrita e os livros devem abraçar tudo o que somos, para apostar em nossas habilidades e inteligências. Que nunca mais as políticas de educação, da leitura e do livro, explícita ou implicitamente, neguem a existência de quem somos de verdade.

Quero dizer que todo o mundo tem o direito de escrever e ler cartas de amor, até as revoltadas como eu.

Quero dizer que a leitura, a escrita e os livros nos necessitam, os livros, a indústria da literatura necessitam de escritas revoltadas, feias e monstruosas como eu.

TRAVⒶ é um projeto de tradução de pensamento trans radical sudaca. somos um grupo de travas e travos de diferentes regiões no brasil, dedicades a borrar as barreiras português/espanhol entre o brasil e países vizinhos. nossas traduções ficam disponíveis no Internet Archive, um arquivo digital de acesso aberto e sem anúncios.

tradução: Joanna Leoni
revisão: Cello Pfeil
diagramação: Joanna Leoni e Léo Eslabão

fev/2026
https://travx.framer.website/

Em memória de Claudia Rodríguez